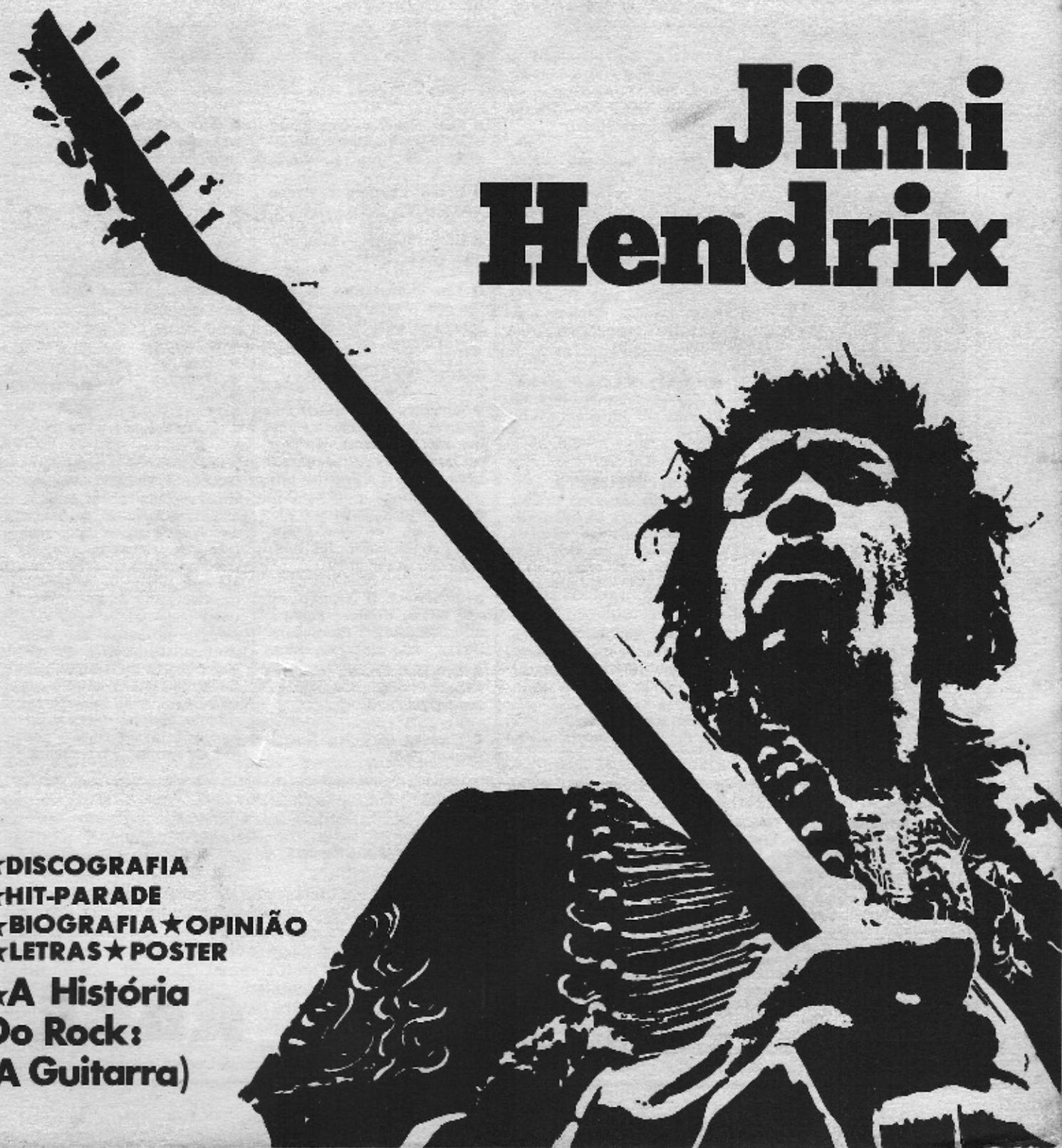
Jimi Hendrix

★DISCOGRAFIA
★HIT-PARADE
★BIOGRAFIA★OPINIÃO
★LETRAS★POSTER

★A História Do Rock: (A Guitarra)

OS DISCOS

ÁLBUNS

● **Are You Experienced?** (Ingl. Track/Polydor, maio 1967; EUA, Reprise, setembro 1967; BR. Polydor/Phonogram.

● **Axis: Bold As Love** (Ingl. Track/Polydor, novembro 1967; EUA, Reprise, março 1968; BR. Polydor/Phonogram, novembro 1969).

● **Smash Hits** (antologia de sucessos; Ingl. Track/Polydor, maio 1968; EUA, Reprise, junho 1968; BR, Polydor/Phonogram, dezembro 1968).

● **Electric Ladyland** (duplo; Ingl. Track/Polydor, agosto 1968; EUA, Reprise, novembro 1968; BR. simples, Polydor/Phonogram, maio 1969).

● **Band of Gipsies** (ao vivo, no Fillmore East, d/Billy Cox e Buddy Miles; Ingl. Track/Polydor & EUA, Capitol, maio 1970; BR. Polydor/Phonogram, novembro 1970).

● **The Cry Of Love** (Ingl. Track/Polydor, dezembro 1970; BR. Polydor/Phonogram, julho 1971).

ÁLBUNS PÓSTUMOS & ANTOLOGIAS

● **Rainbow Bridge** (Reprise, setembro 1971; BR. Reprise/Phonogram, 1971, relançamento Reprise/ATCO/Continental, março 1973).

● **Hendrix In The West** (ao vivo na California; Polydor, novembro 1971; BR. Polydor/Phonogram, 1972)

● **War Heroes** (Polydor, 1972; BR. Polydor/Phonogram, abril 1973).

● **Pop Giants** (BR. Polydor/Phonogram, fevereiro 1975).

● **Experience** (trilha sonora original do filme; Ariola/Ember, 1971; BR, Imagem, 1973).

● **Soundtrack From The Film "Jimi Hendrix"** (duplo; trilha original do filme; Reprise, 1973; BR. ATCO/Continental, novembro 1973).

● **Loose Ends...** (Polydor, 1973; BR. Polydor/Phonogram, agosto 1973).

● **Jimi Hendrix** (Saga/Pantonic, 1972; BR. Pantonic/Beverly, 1972).

● **Crash Landing** (Polydor, março 1975).

● **Isle Of Wight** (ao vivo; Polydor, janeiro 1971).

● **The Eternal Fire Of Jimi Hendrix** / featuring Curtis Knight (Hallmark, 1970; BR. RGE/Fermata, 1972

MISCELÂNEA

● **Monterey International Pop Festival – Otis Redding/Jimi Hendrix Experience** (Hendrix em quatro faixas; Reprise/Atlantic, 1970)

● **Woodstock** (álbum triplo; Hendrix em três faixas; Cottillion/Polydor, 1969; BR., ATCO/Phonogram, 1970).

● **Woodstock II** (Hendrix em sete faixas; Cotillion/Polydor, 1970; BR. ATCO/Phonogram, 1971).

● **Get That Feeling** (C/Curtis Knight; London/Capitol, novembro 1967).

● **Flashing** (C/Curtis Knight; Capitol, 1968).

● **Jimi Hendrix Live** (C/Curtis Knight; Capitol, 1970; BR. RGE/Fermata, janeiro 1972).

● **More Experience** (trilha sonora original do filme; Ember, 1972; BR, Imagem, 1973)

● **In The Beginning Together** (C/Isley Brothers; Buddah, 1971).

● **Jimi Hendrix And Lonnie Youngblood** (Platinum, 1971; BR. com o título "Rare Hendrix" Itamaraty/CID, 1973).

● **Buddy Miles Express** (Hendrix em várias faixas; Mercury 1968; BR; Mercury/Phonogram, 1969).

● **The Gil Evans Orchestra Plays The Music Of Jimi Hendrix** (arranjos orquestrais de vários temas de Hendrix; RCA, dezembro 1974).

DISCOS PIRATA

● **Broadcasts**
● **Wow**
● **Skyhigh**
● **Hendrix Live in L.A.**
● **Maui Hawaii**
● **Isle Of Woght (vol. I e II)**

Nota: Esta não é uma discografia absolutamente completa. Hendrix deixou um volume quase inacreditável de fitas e discos, abrangendo desde seus primeiros tempos na estrada, com vários artistas (1963/1966) até uma infinidade de **jams** e experiências de estúdio, nos últimos anos de sua vida. Esta seleção procurou dar uma amostra significativa do melhor trabalho de Hendrix, nessas diversas fases, entre o que está disponível no mercado. No entanto, diversos discos já saíram de catálogo, embora possam ser encontrados em **sebos.**

Diretores: Armando Amorim, Tárik de Souza
Redação: Ana Maria Bahiana, Ezequiel Neves, Martha Zanetti, Tárik de Souza
Arte: Diter Stein (diagramação), Cássio Loredano, Elifas Andreato, Chico Caruso, Luis Trimano Petchó
Fotografias: Moacir Bilheo, Eduardo Nunes, Tânia Quaresma
Produção: Almir Tardin, Glauco de Oliveira
Correspondentes: Henfil, (Nova York)
Distribuição: Superbancas – Rua do Rezende, 18
Composição e Fotolitos: Arca Editora e Gráfica – Rua Equador, 702
Impressão: Apex – Gráfica e Editora Ltda. – Rua Marques de Oliveira, 459
Registrada na Divisão de Censura e Diversões Públicas do Departamento *de Polícia Federal* sob o número 1337-P.209/73
Publicidade: Carlos Alves Machado
Editado por: Armando Amorim Publicidade – Av. Presidente Vargas, 590 *Salas 2105/6 – Tels:* 243-9816/223-0881 – Rio.
Números atrasados: Armando Amorim Publicidade.
Representante em São Paulo: Agência Público, Rua Augusta, 2945, Capital

ROCK, A GLÓRIA

JIMI HENDRIX

"Ziggy Stardust tocava guitarra/ele tocava com a mão esquerda/e ele foi longe demais" (Ziggy Stardust, David Bowie)

De que Monika Dannenan teve medo quando voltou a seu apartamento, meia hora depois de ter saído para comprar cigarros? Talvez tenha sido da "estranha atmosfera de calma" que reinava no quarto, onde a luz estava acesa, apesar de ser quase 11 horas da manhã. "Tudo estava tão... imóvel. De dia, a luz da lâmpada dava a tudo uma cor irreal. Achei estranho como isso não tinha incomodado Jimi. Ele não vinha dormindo bem". Ou talvez fosse medo do próprio Jimi, imóvel na cama, de bruços, exatamente na posição em que Monika o deixara, a mesma posição em que adormecera, há quatro horas atrás. "Quando eu saí pra comprar cigarros quis acordá-lo pra avisar, mas ele dormia profundamente, respirava bem e tinha uma temperatura normal. Mas quando eu voltei e fui apagar a lâmpada de cabeceira, notei que seu rosto estava arroxeado, os lábios abertos. E havia vômito no nariz e na boca".

Apavorada, sem saber como agir na Inglaterra (Monika é alemã), ela ligou pedindo auxílio a Eric Burdon, (1) velho amigo de Jimi. Eric lhe deu o telefone do hospital mais próximo, o St. Mary Abbot. A ambulância chegou quinze minutos depois. "Pegaram em Jimi de qualquer jeito e o puseram sentado, atrás. Pensei se não seria melhor deitá-lo, ou qualquer coisa, para que pudesse respirar. Mas eles me disseram que tudo estava OK". Às 11h45min, a ambulância chegou ao hospital. Mas Jimi Hendrix estava morto. Era o dia 18 de setembro de 1970, uma sexta-feira. Jimi tinha 27 anos incompletos. A autópsia deu como causa da morte "asfixia por inalação de vômito, causado por intoxicação de barbitúricos". Jimi tinha tomado nove cápsulas de um potente remédio para dormir. "Ele andava agitado, inconstante, angustiado", disse Monika. "Ele não conseguia dormir".

Jimi nasceu James Marshall Hendrix (2), em Seattle, uma cidade da costa noroeste dos Estados Unidos, onde a população negra é minoritária e, pelo menos na década de 40, quando ele nasceu, sem grande senso comunitário. Seu pai, James Allen, era um jardineiro austero e religioso, que trabalhava árduo nos parques municipais e cuja única distração era tocar colheres para acompanhar os amigos nos **blues.** Já sua mãe, Lucille, era uma índia Cherokee vistosa, animada, que adorava farras e bebedeiras. "Ela bebia demais", diz Jimi, "e não cuidava muito de si mesma. Adorava se vestir com as roupas mais extravagantes. Ela morreu quando eu tinha uns dez anos, mas foi um barato de mãe. Vovó também era uma figura incrível. Era índia mesmo, quer dizer, vivia em tendas, essas coisas. Todo ano eu costumava ir a Vancouver, no Canadá, passar umas semanas com ela lá na reserva, durante o verão". Jimi, nascido a 27 de novembro de 42, era "um verdadeiro Sagitário", segundo o velho Hendrix. "Obcecado com justiça, com a idéia de fazer as coisas certo. Uma personalidade muito forte, difícil de curvar, e individualista. Vivia interessado em coisas que não são comuns aos garotos". Uma dessas coisas era a música. Na casa da família Hendrix se preservava a melhor tradição musical negra, com muitos discos de Robert Johnson, Muddy Waters e B. B. King tocando insistentemente. E os colegas do pai enchendo a sala, todos os domingos após o serviço religioso, para beber cerveja e tocar blues. Aos 4 anos, Jimi irrompeu pela sala adentro soprando uma gaita "como um maluco, mas dentro do ritmo". Aos 7, uma tia lhe deu de presente um violino ("e eu cheguei a tocar, mesmo. Sempre curti muito os instrumentos de corda"). Mas com 9 anos ficou fascinado com a guitarra: "Acho que é porque eu via tantas guitarras à minha volta. Em toda a casa que papai me levava tinha uma guitarra num canto". E passou a fazer de conta que o cabo da vassoura era um instrumento: "foi aí que eu descobri que era canhoto pra tocar, também. Eu só **dedilhava** a vassoura com a mão esquerda!" Para premiar tanto apetite musical, o velho Hendrix lhe comprou um violão barato, e depois uma guitarra de segunda mão. E Jimi mergulhou fundo no mundo dos blues, aprendendo sozinho a tocar com a

Original e despedido

Com Curtis Knight, em 64 e 65

Nos Squires, no começo dos anos 60

mao esquerda, copiando as frases de Howling Wolf e Lightning Hopkins. "Ele ouvia um disco uma vez e, minutos depois já estava tocando igualzinho", se lembra James Allen. O irmão Leon, cinco anos mais moço, copiava Jimi, "mas ele nunca foi tão bom".

A guitarra, os blues e o temperamento inquieto de Jimi foram uma combinação fatal. Com 13 anos, ele foi posto para fora da Igreja Batista de Dunlan, porque saiu dançando no meio de um hino. E com 16 foi expulso da escola Garfield – mista, com pretos e brancos, mas não exatamente "integrada" – por namorar uma garota branca na sala de aula. "Papai até que achou legal a expulsão. Ele precisava de alguém pra ajudar durante o inverno, quando não há grama para cortar e o dinheiro some, também. A gente não chegava a passar fome, mas comia feijão semana após semana".

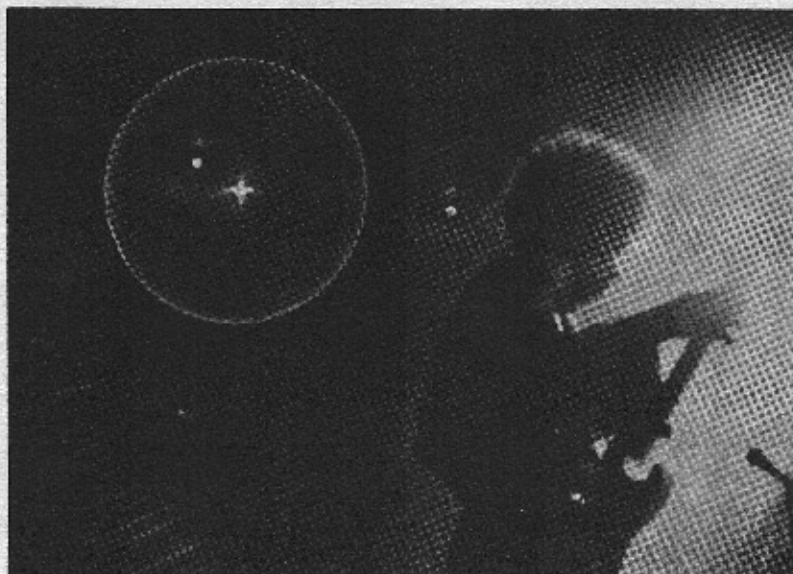
Só que Jimi tinha planos pouco ortodoxos para conseguir dinheiro; com alguns amigos, formara uma banda de rhythm'n blues que conseguia uns trocados tocando em bailes e festinhas. "Mas o dinheiro era muito curto, e eu não me amarrava mesmo naquela coisa soul, tipo Motown (3) que faziam a gente tocar". A alternativa, para quem, como Hendrix, era preto e pobre, era o Exército. "Eu pensei comigo mesmo: vou ter que alistar algum dia, não é? Só os brancos ricos é que escapam disso. Então é melhor eu me alistar logo, e tentar fazer carreira lá, levantar uma grana. Porisso fui ser paraquedista".

A carreira do soldado James M. Hendrix na 101a. Divisão Aero Transportada não foi das mais longas ou brilhantes. Quatorze meses e 26 saltos depois ele foi desmobilizado, com fraturas nos tornozelos e nas costelas. "Mas até que eu gostava de saltar de paraquedas. Era um barato ouvir o vento zunindo, a gente voando, tocando o chão. . ."

De volta à vida civil, definitivamente longe de Seattle, dos pais, Jimi se recusava a voltar. Tudo para ele sempre foi um perene seguir-em-frente. Tinha algum dinheiro – que gastou em menos de um mês, com bebida, garotas, bolinhas –, uma guitarra, alguns amigos (Entre eles Billy Cox, colega no exército e mais tarde baixista de seu conjunto) e nenhuma perspectiva. Ou melhor, apenas uma perspectiva: seguir tocando, "voltar ao meu primeiro amor, a guitarra".

E Hendrix seguia a estrada possível a um músico preto, sem qualificação profissional, sem instrução de teoria musical: rolou vários anos pelas estradas da América, fazendo o circuito da música negra, do soul, do rythm 'n blues. Esse talvez tenha sido o mais importante período na vida pessoal de Jimi Hendrix. Na estrada, ele aprendeu tudo o que lhe restava saber sobre "o seu primeiro amor". Aprendeu com perfeição tocar os blues, rythm 'n blues, gospel, soul, rock 'n roll. Aprendeu centenas de músicas, conheceu centenas de músicos. E, pouco a pouco, começou a elaborar um estilo próprio. E cada passo na direção dessa liberdade lhe custava algo. Vestir roupas vistosas, brilhantes, expulsou-o da banda de Little Richard: "Quando ele viu minha camisa púrpura ele teve uma coisa. Berrava em pleno palco que "o único bonito ali era ele." Fazer malabarismo em cena custou-lhe mais de um emprego: "Acho que a primeira vez foi lá em Nashville. A banda tinha outro guitarrista além de mim, a gente estava de saco cheio de tocar a mesma coisa toda noite. Aí uma vez começamos a duelar no palco. Ele tocava com o instrumento nas costas, eu fazia o mesmo. Ele plantava bananeira, eu plantava bananeira. O pessoal adorou. Aí chegou a um ponto em que não tinha mais nada pra fazer e eu saquei uma coisa que ele não poderia fazer: tocar com os dentes! Me machuquei pra valer mas o

Com Kathy Etchingham

Tinha uma inquietação, uma turbulência, que a estrada não conseguira aplacar. Procurava uma liberdade que sempre parecia estar-lhe fugindo.

público delirou: "pena que a gente fosse despedido logo depois."

Hendrix ainda tocaria com B.B. King, Sam Cooke, Solomon Burke o grupo de twist Joey Dee & The Starlighters e os Isley Brothers, até chegar a Nova Iorque em 1965. Da estrada, fora a experiência, ele trazia frustração e angústia e uma incrível intimidade com seu instrumento ("uma das coisas mais impressionantes que eu já vi", lembra Rudolph Isley, dos Isley Brothers, "era Jimi ligando e afinando uma guitarra. Tudo rápido, natural... era como ele tivesse nascido com ela!"). Além disso, uma necessidade enorme de quebrar a prisão dos rythm 'n blues, do soul, escapar ao estigma do "circuito de música negra", expandir seu estilo, seu trabalho. Alguns anos depois ele diria: Eu sou tantas raças... como poderia tocar uma música... como poderia trair uma dessas raças, se eu sou todas elas ao mesmo tempo?"

Num quarto miserável de hotel no Greenwich Village, sua vida não melhorou muito. Mudou de nome para Jimmy James e tocou algum tempo com um grupo próprio, o Blue Flames ("nada original, não é?)". Um fracasso completo. Jimi chegou a empenhar e depois vender a guitarra para poder pagar o aluguel e comer. Um encontro com Curtis Knight, vocalista de certo nome no meio de r&b e soul, deu-lhe um emprego fixo e salvou sua situação financeira. Deu-lhe também uma base um pouco mais sólida para exercitar seu talento: com os Squires, grupo de Knight, Hendrix tinha maior liberdade de criação. Podia improvisar, embora restrito ao molde do r&b. Podia transmitir mais livremente pelos estúdios, enquanto gravava, aprendendo a delicada fusão música & eletrônica, que sempre o fascinou. Circulando no meio mais sofisticado dos clubes de jazz & blues de Nova Iorque, tinha um incentivo para praticar suas mirabolantes mise-en-scènes. E com o tempo que lhe sobrava podia conhecer os trabalhos dos outros artistas (Bob Dylan foi o que mais o fascinou. "Ele tinha peito de cantar assim tão fora do tom e ter sucesso, ainda por cima. Aí eu vi que podia cantar, também. Mas suas letras me intrigavam, me deixavam maluco."). E Hendrix explorava novos mundos: sua mente, por exemplo. Através de Devon, uma das primeiras groupies (4) americanas, Hendrix foi apresentado ao ácido lisérgico, ao haxixe e à mescalina – as chamadas "drogas de expansão sensorial", ou "psicodélicas". Ele trazia dentro de si uma inquietação, uma turbulência, que a estrada não conseguira aplacar. Com as drogas, ele se lançava a novos caminhos, à procura de uma resposta, de uma liberdade que sempre parecia estar lhe fugindo. "Eu acho que nunca cheguei a conhecer Jimi", diz Curtis Knight. "Acho que nunca ninguém o conheceu. Ele não se deu a conhecer a ninguém. Era fechado, se guardava como quem guarda um segredo. Mas nesses tempos, em Nova Iorque, nós éramos muito próximos e conversávamos muito. Jimi estava sempre intrigado, preocupado. Com coisas como a origem da vida, o problema da morte. Nunca curtiu uma de orgulho racial, ou preconceito. Estava mais preocupado com o conceito de humanidade, de fraternidade. Lia muito, nunca soube o que. Não conseguia seguir bem suas conversas. Certa vez, me disse acreditar que os seres devem passar por várias encarnações, em nove planetas diferentes, cada um mais evoluído que o outro, até chegar à eternidade, à perfeição. Ele me dizia também que esse mundo em que vivemos é apenas uma imagem distorcida de um outro mundo, espiritual e perfeito."

A glória: Lennon, Mc Cartney e Os Rolling Stones iam vê-lo no Cheetah. Os Animals não saíam do Ondines. Chandler, o baixista abandonou tudo por Hendrix.

Hendrix, Cat Stevens, um dos Walker Brothers e Engelbert Humperdink

Hendrix e os Stones: Jagger & Jones

Entretanto, Jimi estava longe de ser um figura etérea, ascética. Muito pelo contrário. O próprio Knight se recorda com nitidez do que ele chama "insaciável apetite por garotas bonitas". "Elas viviam atrás de Jimi. E estavam certas. Ele era muito sensual. E usava a guitarra de um modo cada vez mais sexual, agressivo. A coisa mais comum era Jimi sumir de noite, com duas ou três garotas e só aparecer dois dias depois".

Carne, espírito, guitarra, drogas. Jimi já estava imerso nos quatro elementos que alimentariam sua breve, fulminante carreira. As drogas alterando o espírito e corroendo a carne. A guitarra exprimindo essa luta, conflito, mutação.

Mesmo em Nova Iorque, era essa combinação de elementos – e a maneira como Jimi os manipulava – que atraía platéias cada vez mais numerosas e sofisticadas, embora ainda muito restritas. Mick Jagger, Keith Richard e Brian Jones paravam especialmente no Club Cheetah para vê-lo tocar. John Lennon e Paul McCartney faziam o mesmo. E quando os Animals excursionaram pela América, Eric Burdon e Chas Chandler não saíam do Club Ondines. Chandler, o baixista, estava especialmente impressionado. Cansado da vida errante, na estrada, ele já estava pensando há algum tempo em se dedicar à empresagem. Só faltava alguém, alguma coisa que o motivasse. Hendrix tinha quase dois metros de altura, usava dúzias de colares e pulseiras e tocava guitarra como ele nunca tinha ouvido ninguém tocar: distorcendo, dedilhando em cima de microfonia, entre as pernas, nas costas, com os dentes, com a língua. Os Animals se foram, e Chandler ficou. Toda noite levava Hendrix para um canto e conversava. Hendrix ouvia com atenção, a grande mão ossuda cobrindo a boca. E uma noite ele não apareceu para tocar com os Squires. Nem na noite seguinte. Nem nunca mais.

Em setembro desse ano – 1966 – o velho James Hendrix recebeu um telefonema do filho. E mal pôde acreditar no que ouviu. "Ele me disse que estava em Londres, com uma pessoa que tinha mudado seu nome pra Jimi e iam fazê-lo muito famoso. Disse pra eu não me preocupar, que ele ia ser muito rico e eu e Leon íamos ter tudo o que queríamos. A gente chorou à beça. Esqueci até de dizer que tinha me casado de novo (4)".

Jimi estava morando com Chas Chandler, que tinha feito muito mais além de trocar-lhe o nome. Tinha mudado seu penteado, eriçando seu cabelo já longo. Tinha lhe arranjado um grupo de apoio: o Experience ("Jimi no início detestou o nome. Achou careta. Eu tive de convencê-lo de que no futuro ia mudar de significado."), formado por Mitch Mitchell, ex-baterista dos Flames e por um ruivo de cabeleira arrepiada que se candidatara a guitarrista dos Animals, Noel Redding. ("Eu lhe perguntei se sabia tocar baixo", disse Jimi, "e lhe dei um chocolate e algum dinheiro, por que vi que estava muito mal. Me amarrei no cabelo dele, mas gostei ainda mais do seu jeito de tocar. Era muito seguro.") E, investindo todo o dinheiro e o prestígio que tinha, lhe conseguira um contrato de gravação (com a Track Records, de Kit Lambert, então empresário do Who) e as primeiras apresentações. A primeira foi fácil e incrível: com apenas três dias de ensaios, o Experience estava tocando no Olympia de Paris, a convite de um Johnny Halliday entusiasmado "só com a cara de Jimi".

Mas na volta à Inglaterra, até o final do ano, as coisas ficaram difíceis. Uma a uma, Chas foi vendendo suas preciosas guitarras, a fim de comprar aparelhagem (Hendrix já tinha começado a quebrar guitarras e amplificadores, então) e investir em promoção. Afinal, foi obrigado a ceder 50% de seus direitos sobre Hendrix

"Um número super-sexy, agressivo, para chocar. Sabia que ia causar tumulto, com os donos dos teatros pedindo para ele se comportar, ameaçando. Um manager sugeriu que Hendrix incendiasse a guitarra. Era preciso algo diferente para o público jovem

Chas Chandler

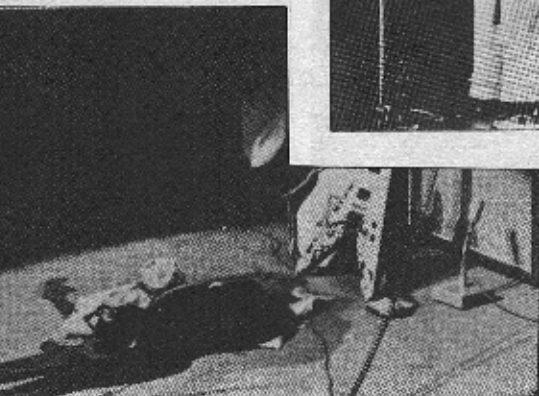
Noel Redding

O Experience: Mitch Mitchell (bateria), Noel Redding (baixo)

a Mike Jeffery, um empresário em boa situação financeira mas com poucos escrúpulos, e uma imaginação menor ainda. Havia só uma vantagem nos longos intervalos que se seguiam a cada show de Jimi –. em geral em clubes londrinos: Chas tinha tempo para planejar a carreira do novo astro.

De certo modo, Jimi foi o primeiro ídolo "construído" dentro de um esquema rigorosamente rock. Os Beatles também tinham sido moldados por Brian Epstein, mas ainda com uma carga do antigo show-business, dentro da imagem clássica do baladista pop. Hendrix foi projetado para o futuro, para uma platéia inconformada, rebelde, inquieta. E Chas Chandler presidiu cada detalhe dessa construção. Intuindo seu potencial como compositor, incentivou Hendrix a trabalhar só com material próprio. Deu corda à sua fúria, no palco: fez-lhe ver que era isso, e cada vez mais isso, que as platéias esperavam dele. Porque Chandler levava Hendrix sempre às platéias certas. Primeiro firmou-o no céu underground de Londres com um circuito de clubes e uma audiência onde sempre estavam pessoas como Jeff Beck, Eric Clapton, Mick Jagger, Paul McCartney e Peter Townshend. Depois, amparado no sucesso do 1º avulso, **Hey Joe,** lançou-o ao grande público numa inacreditável excursão britânica, em março de 67: seus companheiros de estrada eram calmos astros pop do calibre de Cat Stevens, Walker Brothers e Engelbert Humperdinck ("Jimi adorava Engelbert", lembra Chas. "Ele via todos os shows na primeira fila, extasiado. Me dizia que aquilo é que era ter voz."). A excursão foi a cartada definitiva de Chas: "A gente planejou tudo. Eu disse a Jimi para preparar um número super sexy, agressivo, para chocar. Sabia que ia causar tumulto, com os donos dos teatros pedindo para ele se comportar, ameaçando. Era isso que eu queria. Por isso dei força quando um road manager sugeriu que Jimi tacasse fogo na guitarra enquanto cantava **Fire.** Jimi hesitou, mas eu lhe mostrei que era preciso algo muito diferente para atingir o grande público jovem. A gente preparou tudo. Embebemos a guitarra em fluido de isqueiro e pusemos uma caixa de fósforos no bolso da calça. Na hora, ele ficou nervoso e levou uns 5 minutos pra acender o fogo. Acabou até se queimando: Houve um tumulto incrível nos bastidores, com o dono do teatro nos ameaçando. O resto todo da tournée nós fomos boicotados, e tivemos uma cobertura de imprensa espetacular. Mas, nós não fabricamos Jimi, apenas enfatizamos um lado selvagem que ele já tinha naturalmente.

Quando o Experience voltou da tournée já era um nome em franca ascensão. Seus avulsos seguintes – **Purple Haze** e **The Wind Cries Mary** – escalaram as paradas com segurança, e chegaram aos 5 primeiros lugares. Hendrix foi convidado a abrir os shows de uma temporada do Who no refinadíssimo Saville Theatre de Londres. E, quando voltou de uma triunfal excursão pela Escandinávia, descobriu que seu álbum de estréia, **Are You Experienced?,** era o sucesso absoluto em todo o país. Seu passo seguinte já faz parte da história do rock. Paul McCartney disse a John Philips (dos Mamma's & Papa's), organizador do Festival de Monterey que só Jimi Hendrix, "um maluco que toca guitarra com os dentes" podia representar a Inglaterra convenientemente, junto com o Who. Hesitante, com medo de ser rejeitado e excluído – porque era preto ou porque era "maluco" – Jimi embarcou de volta a sua terra natal.

Quando Jimi chegou a Nova York, para rever os amigos, já era um homem dividido. De um lado, o músico. Um ser excepcional, dotado da mais intensa

compreensão de seu instrumento, da mais revolucionária visão de sua música. A maior contribuição que essa curta fase áurea de Hendrix traria para a música em geral seria a incorporação definitiva da guitarra ao arsenal melódico contemporâneo. Hendrix tocava guitarra como se ela fosse um instrumento sem passado, um utensílio, uma ferramenta repleta de possibilidades para o presente e o futuro. Ele não a tocava como um instrumento de blues, ou de rythm 'n blues, ou de canção pop – mesmo quando citava, de passagem, esses estilos. Ele usava sua Fender **como um instrumento de rock:** uma linguagem nova, inédita. Uma linguagem que abrangia todos os impossíveis, todos os improváveis: a microfonia como música, a distorção como efeito harmônico; a sustentação da nota como melodia, em si; o pedal de wah-wah tão importante como as cordas, as cordas tocadas como se fossem martelos, ou trovões. Hendrix o músico dizia que "há tantas coisas que ainda não fiz com a guitarra! Seria bom se uma nota fosse tão intensa como uma cor, porque é assim que eu a vejo."

De outro lado, o personagem. O homem que tocava fogo na guitarra, que fazia amor com a guitarra, que usava as roupas mais vistosas, mais absurdas, mais lindas. O homem que jamais estava satisfeito com uma garota só – no caso, Kathy Ethingham, sua primeira namorada inglesa – o homem das orgias, das mil experiências psicodélicas. Os Stones eram cinco para dividir entre si o peso do estrelato rock. Hendrix era um só, e menos forte do que pensava. Mesmo assim mergulhou profundamente nas águas do rock, assumiu integralmente seu papel de personagem, mito, ídolo.

Como personagem mais do que como músico, ele subiu ao palco de Monterey, para amar e destruir sua guitarra diante da primeira platéia totalmente rock. Brian Jones, quando o viu nos bastidores, subiu correndo ao palco e apresentou-o. Abençoado e crismado, Hendrix saiu de Monterey como um vencedor. Havia, um aspecto inédito na sua vitória: ele era agora o primeiro astro preto de rock, o primeiro a conquistar a grande platéia branca classe média, que fizera a revolução das flores e das drogas. Até o fim de sua vida, ele iria pagar um tributo por isso.

Depois de Monterey, Hendrix ficou na América algum tempo, colhendo os frutos de seu sucesso. Várias apresentações triunfais nos templos do rock – os Fillmores East e West –, um reencontro com o pai em Seattle e mais uma excursão inacreditável, com os Monkees, ídolos pré-fabricados dos pré-adolescentes americanos. E mais um truque de Chandler: inventando um protesto da liga conservadora "Filhas da Revolução Americana", ele tira Hendrix da excursão, coroado de glórias revolucionárias.

1968 é o ano de ouro de Hendrix. É o ano de **Axis-Bold As love.** O ano da perfeição da guitarra. O ano do dinheiro e da mansão nos arredores de Londres. Mas é também o ano da loucura e do fim do Experience. Hendrix tinha um esquema pre-traçado para o grupo: "Gosto da bateria de Mitchell porque ela é solta. Gosto que a bateria transe comigo, dê colorido à musica. Mas, o baixo tem de ficar lá, seguro, marcando. Só assim um trio pode funcionar." Noel Redding, ex-guitarrista, se rebelava cada vez mais contra isso. Queria tocar livremente, estava "cheio de Jimi me dizer o que fazer". Numa das apresentações no Fillmore West, Hendrix passa todo o tempo xingando Noel entre dentes. E, durante uma excursão pela Escandinávia, quebra todo o quarto do hotel, tentando lhe acertar um

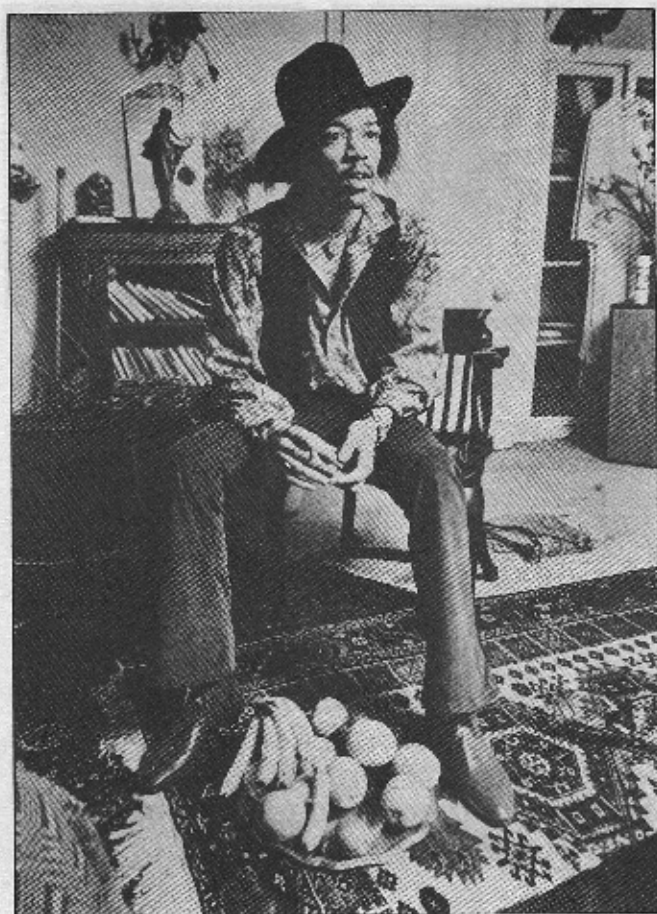
A microfonia como música; a distorção como efeito harmônico; a sustentação da nota como melodia; as cordas soando martelos e trovões. "Seria bom uma nota tão intensa quanto uma cor. É assim que a vejo."

soco. Em novembro desse ano, coincidindo com o lançamento do duplo **Electric Ladyland** nos Estados Unidos, o Experience terminava. Ele seria um mero reflexo de toda uma fase de profunda exaustão que Hendrix – músico, pessoa, personagem – estava passando.

"Isto é escravidão pop, cara", ele desabafava a um repórter inglês. "As pessoas vêem que você é sucesso e podem fazer dinheiro fácil com você. E o público se acostuma com um tipo de coisa que você faz e fica exigindo isso para sempre, até você ficar exausto. Os fãs acham que porque lhe pagaram uma casa ou um carro tem o direito de exigir de você sempre a mesma coisa. Isso me deixa muito grilado porque, por outro lado, eles tem seus direitos, também..." Os fãs e a imprensa reclamavam de Hendrix a "falta de mise-en-scène selvagem". O músico se rebelava contra o personagem. **Electric Ladyland,** de fato, é o certificado de libertação do engenho de Hendrix, o campo de provas para seus experimentos de estúdio, exercitando sua fascinação pelos recursos eletrônicos.

Mas, do personagem era exigido muito mais. Saciada sua fome de rebeldia e explosão, o público queria agora de Hendrix participação política. Os grupos ativistas negros, em especial, não perdiam oportunidade de demonstrar sua reprovação pelo sucesso "branco" de Jimi. E isso o perturbava: "Não vejo muito sentido nas coisas que algumas pessoas fazem. Por exemplo, os pretos acusarem os brancos de opressão pelo que eles fizeram nos últimos 200 anos. 200 anos são 200 anos. Agora é tempo de trabalhar em vez de lamentar o passado. Trabalhar pela união, e não pela ruína. Se os Black Panthers brigarem com os hippies, que são brancos, isso só vai enfraquecer os dois e fazer bem a quem está interessado no fim dos dois. Agora é tempo de reunir: "Quero que minha música fale disso, agora. Que fale a verdade, e assuste um pouco essas pessoas conformadas. Alguém precisa lutar pela paz de espírito de todos, ameaçada por uns líderes idiotas, doentes, que estão pondo doença na cabeça dos outros."

Mas, em parte cedendo a essas pressões, Jimi começou a procurar artistas negros como acompanhantes. Com o Experience ainda, ele excursiona pelos Estados Unidos, no início de 69. Em fevereiro, após uma apresentação no Albert Hall de Londres, dá o grupo por oficialmente encerrado e começa a ser visto tirando som com Billy Cox, seu antigo companheiro do Exército, no baixo, e Buddy Miles, ex-Electric Flag, na bateria. Jimi procura nitidamente uma nova orientação. Na música, parece cansado dos malabarismos e efeitos: "Buddy é muito funky. Com ele eu quero fazer uma música mais simples." Na vida profissional, é uma superestrela: todos o respeitam e aclamam. Está riquíssimo, e administra de perto seus negócios e investimentos (o que não impede que continue gastando fortunas com festas loucas, drogas, garotas). Chas Chandler, após várias brigas com Mike Jeffery, abandonou a empresagem de Jimi. Jimi não confia em Jeffery. A um amigo de Nova Iorque, ele confidencia: "Preciso vigiar bem essa coisa de dinheiro. Acho que é paranóia minha, mas penso que estão sempre me roubando. Tem horas que eu quase desisto de tudo."

Mas no plano pessoal Jimi está ainda mais inquieto, nesse penúltimo ano de sua vida. Os amigos que convivem com ele em Nova York, onde passa a maior parte do tempo, notam uma alteração constante em seu humor. Jimi toca sem cessar, com uma infinidade de

Cox, o novo baixista

Grava quilômetros de fitas e nunca está satisfeito. Apara o cabelo, usa menos colares e anéis. "Isso já foi importante. Agora não é mais."

músicos – entre eles Ginger Baker, John McLaughlin e Eric Clapton. Grava quilômetros de fitas e nunca está satisfeito. Apara o cabelo, diminui a quantidade de colares e anéis: "Isso já foi importante, para mim. Agora não é mais." O que é importante? "Minha música e minha mente é que contam. Quanto a isso, me sinto ilimitado. Sempre tentei fazer minha música honestamente, e se as pessoas não me entendem, é porque não ouviram direito. Até **Electric Ladyland** eu queria basicamente pintar paisagens do céu e da terra com a minha guitarra, para as pessoas poderem se soltar dentro delas. Agora, durante esse tempo que eu passei escondido – fiz como Dylan, precisava pôr a cabeça em ordem – sofri muitas mudanças. Descobri muitas coisas que ainda não tinha falado com minha música. Gostaria agora de pintar a realidade. Mas de uma maneira simbólica, capaz de levar as pessoas a pensar."

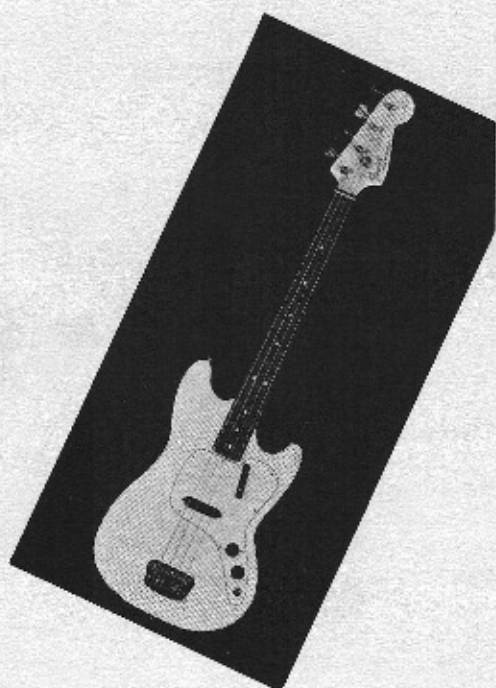
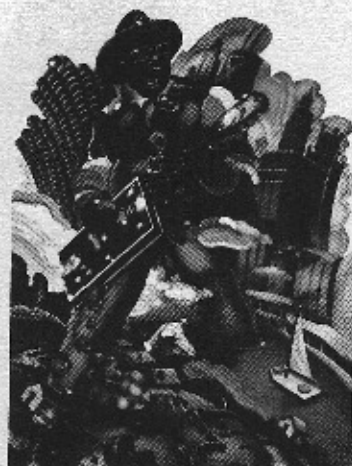
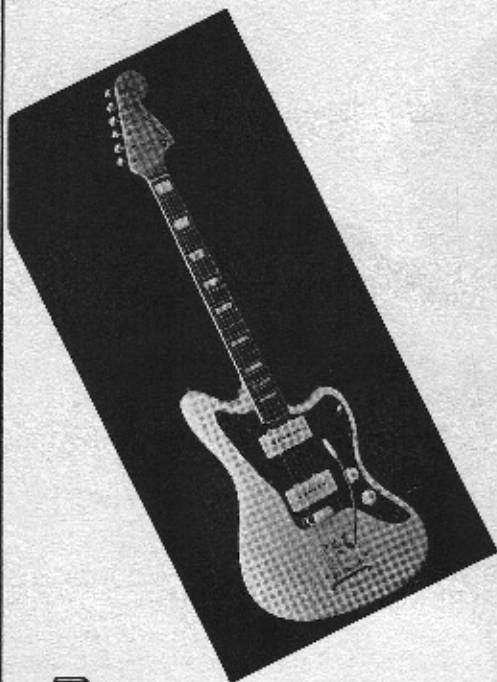
Em agosto desse ano, sob um céu cinzento de depois-da-chuva, Jimi entrou no palco de Woodstock e tocou para dezenas de milhares de pessoas a sua versão da realidade: com Mitch Mitchell e Billy Cox, destruiu o hino americano num grito, num urro, de distorção controlada. Rosto grave, cabelos aparados, um brinco de brilhantes na orelha esquerda ele caminhou solenemente pelo palco, gemendo sua guitarra. Depois, **Purple Haze**, muito improviso e alguns números novos. E Hendrix se recolheu à sombra, de novo, para só reaparecer na noite de ano novo, no Fillmore East de Nova York.

A data era especial: Hendrix estava lançando seu novo grupo, o Band of Gipsies ("eu não tenho casa, nem em Londres nem aqui, porque não tenho raízes. Eu e meus amigos somos um bando de ciganos musicais errando de palco em palco.") Todo de preto, com Billy Cox no baixo e Buddy Miles na bateria, o Band of Gipsies tinha ainda o acompanhante de um grupo vocal, as Vozes do Harlem Leste.

Milhares de pessoas se aglomeraram naquela noite gelada para ouví-lo tocar. Muitas não saíram satisfeitas. Ele próprio foi uma delas. "Não foi nada bom, não é?", perguntava, ansioso, a Bill Graham, promotor do espetáculo. "Estava desafinado em vários pedaços. Todo mundo deve ter notado". A programada segunda apresentação da Band Of Gipsies, no Madison Square Garden, nem aconteceu. No segundo número, um Hendrix nervoso e irritado falou à platéia: "Não estamos nada bem, acho que não vai dar para tocar". Houve um silêncio mortal. Depois, todos se levantaram e foram embora. Nos bastidores, Hendrix quebrou sua guitarra escondido. De raiva.

O fim da Band Of Gipsies foi uma mistura de choque entre o estilo de Hendrix e o de Buddy Miles, com uma indecisão do próprio Hendrix, oscilando entre uma linguagem mais **free** e uma tentativa de retorno às origens blue. Em todo o primeiro semestre de 70, ele se lançaria febrilmente à procura dessa conciliação. Olhando de longe para a Band, Jimi soube localizar os pontos críticos: "Até que não foi tão mal assim. Apenas refletiu uma série de mudanças que eu estava sofrendo, mudanças na minha cabeça. E eu estava cansado demais".

Em maio, Jimi anuncia uma volta provável do Experience. Mas, se apresenta só com Mitch Mitchell: Billy Cox continua no baixo, na curta temporada havaiana e, pouco depois, num show em Seatle. Chovia e ventava quando Hendrix começou a afinar a guitarra.

continua na página 15

Especial: a guitarra

A guitarra elétrica, alma e corpo do rock (pelo menos até o aparecimento dos sintetizadores, na década de 70), surgiu muito antes do rock propriamente dito. Na verdade, se considerarmos os violões de aço (dobros) e as guitarras acústicas de corda de aço como antecessores da guitarra elétrica, suas origens se perdem quase um século antes do primeiro acorde do rock 'n roll.

Os músicos negros de blues foram os primeiros a exigir dos violões uma definição mais áspera e potente de som: daí o recurso das cordas de aço e, pouco depois, do corpo metálico amplificando naturalmente os sons obtidos pelo dedilhado das cordas. O passo seguinte na eletrificação da guitarra foi dado pelos artistas country & western (música regional americana): com uma platéia sempre ruidosa, agitada, tocando em geral ao ar livre, em quermesses, feiras e pátios de fazenda, eles começaram a colocar microfones no bojo dos gordos violões, dobros e contrabaixos de suas bandas.

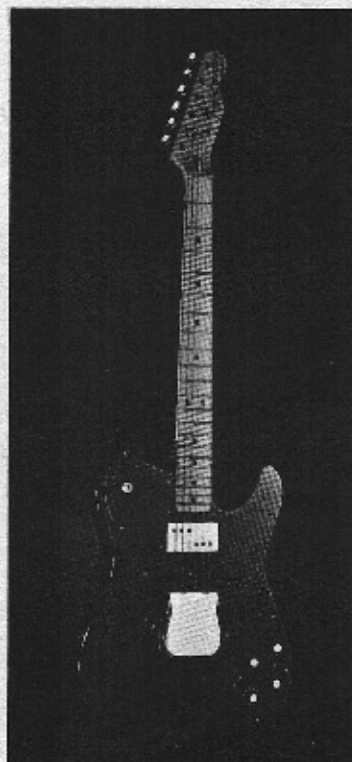
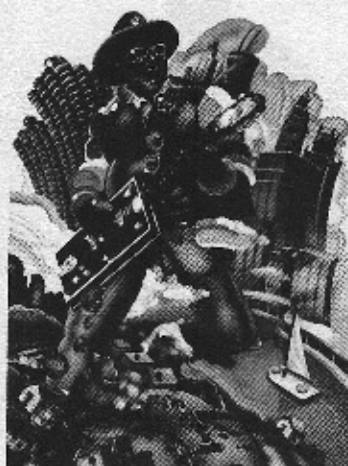
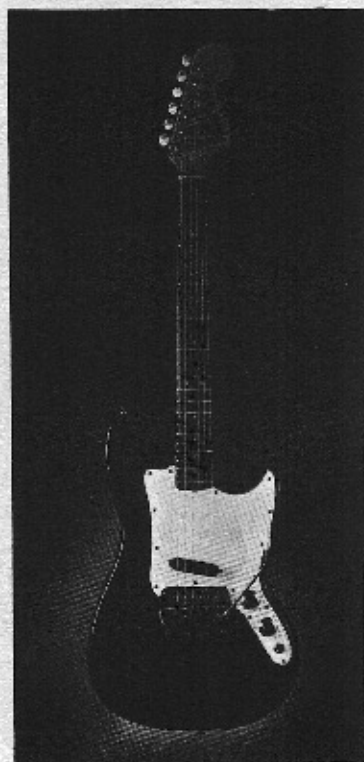
O desafio maior para a fabricação da guitarra elétrica como hoje é conhecida era colocar um captador do sinal sonoro no próprio instrumento, eliminar a grossa caixa de reverberação (o corpo do instrumento acústico) para tornar a guitarra ágil e leve. E além disso, levar quase ao infinito as possibilidades de seu som, pela eliminação de qualquer interferência externa. Na década de 20, duas pessoas decidiram aceitar esse desafio.

Uma foi Leo Fender, artesão e desenhista de instrumentos. Em 1922, ele desenhou e registrou um modelo de guitarra com um captador embutido na própria madeira, logo embaixo do fim do braço: era o embrião da Fender Esquire, uma das primeiras guitarras totalmente elétricas. Fender subverteu as técnicas do artesanato de instrumentos: em vez de desenhar uma guitarra e nela colocar os captadores, desenhou uma guitarra **em torno** do captador. Um corpo fino, leve, estreito, com espaço suficiente apenas para as cordas e os fios do captador. Nos anos 30, e durante a guerra, Leo Fender produziu artesanalmente guitarras elétricas, e desenhou amplificadores para músicos de jazz e rythm 'n blues. As grandes orquestras de dança e os grupos de country preferiam os instrumentos semi-elétricos da fábrica Gibson.

Na Gibson, uma das maiores indústrias americanas de instrumentos, uma equipe de desenhistas enfrentou ao mesmo tempo que Fender o desafio da eletrificação. E, em 1924, apresentou à diretoria um modelo de guitarra elétrica quase idêntica à de Leo Fender. Mas presidentes, vice-presidentes e diretores acharam uma absoluta perda de tempo e energia o projeto: aquele instrumento, diziam, era muito adiantado para sua época, não encontraria mercado. Melhor continuar produzindo guitarras acústicas com amplificação indireta, por microfones de contato.

Em 1935, a Gibson lançou no mercado sua primeira linha de guitarras eletrificadas. Não como as de Leo Fender, esguias e finas. Mas, bojudas, com captadores menos poten-

continua na página 14

No poster, um Baldwin Bass, modelo 1966.

continuação da página 11

tes que ainda necessitavam do reforço do corpo do instrumento. Essa guitarra discreta, de som cheio e redondo, fez a delícia da geração pré-guerra, marcando as baladas, embalando os passos do bebop.

Só uma competição agressiva faria a Gibson mudar de idéia. E a competição veio com a linha industrial de Leo Fender, iniciada em 1949 com a Fender Telecaster. As guitarras da Fender eram o instrumento perfeito para a era do rock 'n roll: com um desenho dinâmico e um corpo forte, eram concebidas para evitar microfonia ou distorções, mantendo uma afinação constante, mesmo com o dedilhado mais feroz. Eram nervosas, práticas, leves. Bill Haley & seus Cometas, herdeiros da tradição da banda country, ainda preferem as gorduchas Gibson. Mas Chuck Berry e Arthur Crudup já usam a Fender, de som áspero e violento: Muitos astros do rock 'n roll seguiriam seu exemplo: Buddy Holly, The Shadows, The Ventures.

Temendo a concorrência, a Gibson incumbiu sua equipe de criar instrumento semelhante. Com a ajuda e sugestões de Les Paul, experimentado músico de orquestra, a linha Gibson Les Paul foi lançada em 1952. Não tinha o ataque e a potência da Fender, mas já era uma guitarra totalmente elétrica. Aproveitando a extraordinária qualidade e definição dos captadores Humbucking, fabricados pela Gibson, Les Paul se limitara a colocar dois deles nos lugares certos (um sob a ponte, para sons agudos, outro perto do braço, para os graves), e cercá-los de um corpo sólido, resistente a afinações sucessivas. Mesmo com a extraordinária textura dos sons da Gibson Les Paul, a linha só encontrou repercussão junto aos músicos de jazz. Só muitos anos depois, em plena explosão do rock, é que os instrumentistas ingleses, como Eric Clapton e Jimmy Page, reabilitariam a nobre estirpe das Gibsons 1956 e 1958.

A expansão do mercado graças ao rock 'n roll trouxe a multiplicação das fábricas de instrumentos elétricos. A Gretsch, que até então só fizera um modelo piloto de guitarra, nos anos 20, encomendou ao músico Chet Atkins uma linha de instrumentos. Surgiram as marcas Guild, Rickenbaker (com modelos copiados da Gibson, porém mais baratos. No início da carreira, os Beatles usavam Rickenbaker), Epiphone, com modelos que basicamente faziam variações de forma e cor em cima da Gibson e Fender.

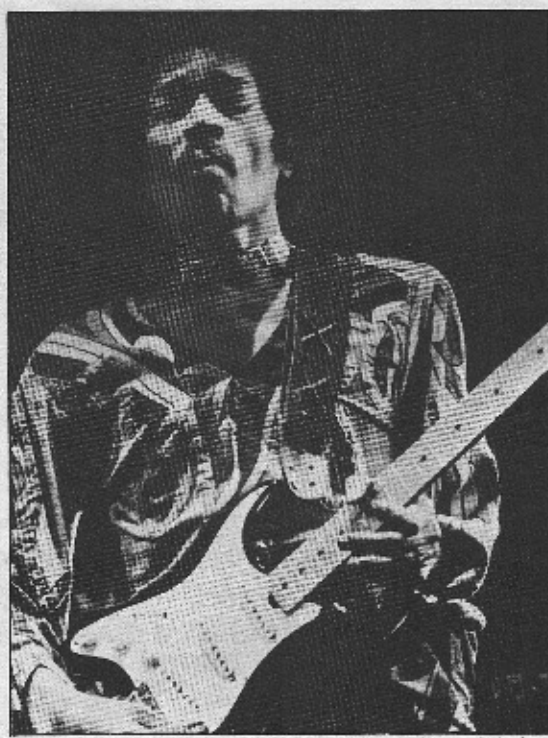
A partir da década de 60, com a eclosão do rock, a carreira da guitarra como produto e meio de expressão seguiu de perto os passos da própria música. Como produto, massifica-se. Já não há artesãos, as guitarras são fabricadas em massa. Leo Fender vende seus direitos à CBS e muitos músicos se queixam da queda de qualidade tanto em suas guitarras como nas da Gibson. Como meio de expressão, sofisticam-se. Há um duelo entre as preferências por marca que segue as oscilações da música. Com os Beatles e o som de Liverpoll, a Gibson e suas cópias imperam. Com o psicodelismo, a Swingin London, os Rolling Stones e, acima de tudo, Jimi Hendrix, as ferozes Fender voltam a atacar. Mas todas as marcas acrescentam ao instrumento um arsenal de recursos que a tornam uma usina de sons: pedais e alavancas de distorção, sustentação, eco.
– **(Ana Maria Bahiana)**

ROCK, A GLÓRIA

continuação

Monika, a amiga

Eric, o amigo

A última imagem

Wight- capítulo final

continuação da página 10

Chovia ainda quando ele começou a tocar. Mal, sem inspiração, muitas vezes desafinado. A multidão ensopada e atônita se aglomerava perto do palco, em silêncio. Subitamente Jimi arrancou a guitarra e atirou-a no chão: "Danem-se todos!" A platéia ainda gritou "Nós te amamos, Jimi". Mas ele não reapareceu. Seattle, Washington: foi a última vez que ele tocou na América. Na mesma cidade em que nascera.

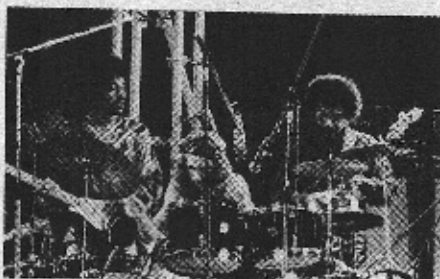
O que se passava com o Jimi? Estava cansado. Fisicamente exaurido, em primeiro lugar. Os cabelos começavam a embranquecer. Mais de uma groupie reclamava que "ele não era mais o mesmo". Preocupado. Suas finanças andavam mal. "Mas como é possível?", ele reclamava a alguns amigos, referindo-se ao manager Jeffery. "Um dia tenho dinheiro, no outro, me dizem que desperdicei, botei dinheiro fora. Sei que gastei. Mas ganhei muito dinheiro também. E onde ele está? Não confio em mais ninguém". Desorientado. Quando chegou a Londres, em 66, sabia o que fazer, o que tocar. Em poucos anos, ele tinha se consumido em sua própria chama, sangrado e gemido com sua guitarra tudo o que tinha a dizer. Que lhe restava, agora? "Tenho pensado muito, sobre o futuro, sobre essa era que está acabando: Mas não quero acabar, quero continuar, vá para onde for o futuro. Talvez escrevendo mais para os outros, fazendo arranjos. Talvez com uma orquestra... não uma dúzia de harpas e violinos, mas uma banda de verdade, que eu possa reger, uma banda de músicos competentes... e talvez alguma coisa visual, como filmes ou slides que alarguem aquilo que a música quer dizer. Assim tudo poderia ser novo, excitante. Acho que é isso que virá. Agora todos estão como eu, voltando para casa, engordando, se preparando para a próxima viagem..."

Antes de voltar para casa – para a Inglaterra, onde ele realmente começou – Jimi ainda daria mais um passo na concretização desse esquema que animou seus últimos meses: inaugurava em Nova York os estúdios Electric Lady, um aglomerado luxuoso e futurista de salas, repletas com os mais atualizados equipamentos de som. "Quero que os músicos do futuro tenham tudo o que não pude ter".

Ainda insone da festa de inauguração do estúdio, Hendrix voou para Londres, em agosto, para tomar parte no Festival da Ilha de Wight. "Estava morto de medo, pensei que ninguém mais se lembrava de mim. Me senti abandonado e solitário no palco, por uns instantes. De repente, eles começaram a gritar **Purple Haze, Foxy Lady,** uma porção de músicas que eu pensava esquecidas. Me senti em casa". Sua performance foi alegre, mas serena. O público aplaudiu com entusiasmo, mas sem delírio. A era louca do rock estava terminada, a Ilha de Wight era um de seus capítulos finais. Jimi intuía isso, sonhava o futuro.

Entre uma breve visita a Nova York (para mixar seu último álbum, **The Cry Of Love)** e uma tournée relâmpago pela Alemanha e Suécia (de onde voltou trazendo Monika Danneman, pintora e ex-instrutora de esqui). Jimi ainda achou tempo para dar uma última entrevista. Estava fascinado com o futuro, e com a possibilidade de unir efeitos visuais à música. Tinha muitos planos para a música, em si: "Música é tão importante. Política já teve sua importância, mas é a música e as artes que vão mudar o mundo, agora. Curto muito Strauss e Wagner. Eles são muito bons. Acho que vão fazer a base dessa minha nova música. Mas,

The End

"Os tempos hoje estão pesados demais.
Quando a música fica pesada assim, eu
quero me chamar hélio,
o gás mais leve que o homem conhece."

acima de tudo, quero blues, e um pouco de música ocidental. Tudo misturado. Me acho um guitarrista bem melhor, agora. Aprendi muito. Mas, ainda há tanta coisa para aprender, tanta coisa nova para fazer. Estou muito feliz. Esse trabalho novo vai ser muito bom".

Três dias antes de morrer, Jimi tocou com Eric Burdon e alguns amigos. Estava nervoso, às vezes deprimido. Tocou ótimo, tocou péssimo. Sumiu quase dois dias. Apareceu no início da noite de quinta-feira no apartamento de Monika. Ainda estava inquieto. Jantou com Monika, e conversaram sobre discos voadores, magia, música, cores. À uma hora da madrugada, Jimi saiu para tratar de negócios. Voltou às 3, e escreveu um longo poema em que falava mais uma vez no "quarto cheio de espelhos", uma antiga obsessão. Dizia também que sua música era "uma longa tira de aço se estendendo pelo infinito". Às 7, Monika entrou e o viu remexendo num vidro de pílulas para dormir. "Estou só contando quantas tem", ele disse. Quando Monika foi se deitar, às 7 e 15, ele já estava dormindo. A luz da cabeceira continuava acesa.

O inquérito que se seguiu à sua morte foi um tumulto de declarações bombásticas e escandalosas. A imprensa em geral queria fazer de Hendrix um espantalho para a "tragédia das drogas". O médico que o autopsiou foi pressionado para contar uma história de dose excessiva de heroína. Não cedeu. "Hendrix não tinha marcas nos braços ou em qualquer outra parte do corpo. O remédio que o matou está à venda em qualquer farmácia". Uns diziam que ele se suicidara. Outros, que ele era um enviado cósmico que retornara às estrelas. Os músicos, em geral, apenas se lamentavam.

Jimi pedira para ser enterrado "na beira do Tâmisa, onde há flores. Não em Seattle, onde é frio e úmido. Mas seu corpo foi levado para Seattle e enterrado ao lado da mãe. Todo o rock estava presente. Miles Davis foi, levou seu trumpete – Jimi tinha dito que o melhor enterro era com música, ao velho estilo dos blues – mas a família pediu que ele não tocasse.

Da herança de Hendrix – avaliada em 200 mil libras fora bens imóveis-pouco se soube. O velho James Allen recebeu, atônito, um cheque de 500 dólares. Mas, sua herança musical – os quilômetros de fitas deixados em diversos estúdios – começou a aparecer regularmente, sob a forma de uma imensa discografia póstuma, nem sempre fiel às intenções de Jimi. Afinal, como ele próprio tinha dito "todo mundo fica importante depois que morre". Recentemente, alguns pesquisadores mais aplicados levantaram um extraordinário conjunto de fitas. No estúdio Electric Lady: Hendrix tocando com John McLaughlin e outros grandes nomes de jazz. "Parece que sua última tendência musical, já em 70, era a fusão jazz-rock que hoje tantos tentam fazer", disse um dos pesquisadores. Então, fez-se a luz sobre uma das frases finais da última entrevista de Hendrix: "Os tempos hoje estão pesados demais. Quando a música fica pesada assim, eu quero me chamar hélio, que é o gás mais leve que o homem conhece". Depois dos trovões, sua guitarra ia tentar imitar esse gás. (Ana Maria Bahiana)

★ ★ ★ ★

(1) Eric Burdon, ex-líder do grupo inglês The Animals.

(2) Há uma divergência quanto a seu nome original. Seu empresário, Chas Chandler, não sabe precisar se foi ele que lhe pôs o sobrenome Hendrix. "Eu acho que ele se chamava Hendricks, originalmente".

(3) Gravadora americana especializada em música negra comercial.

(4) Espécie de fã típica da era do rock, cuja adoração pelo astro só se realiza com a proximidade e o contato, de preferência na cama.

(5) Do segundo casamento com uma japonesa, Mr. Hendrix tem 3 filhas.

"Quem deixou esse selvagem entrar?"

● **Jimi e as Gatas** – Garota pra sair com Hendrix, tinha que andar na linha. Ele era muito ciumento. Um dia estava com Kathy Etchingham, sua primeira namorada inglesa, em um pub. Enquanto Jimi conversava com uns amigos, Kathy foi telefonar pra uma amiga. Mas Jimi pensou que ela estivesse ligando pra outro cara. Roxo de ciúme, entrou, na cabine e começou a gritar e dar porrada na moça com o telefone. Quem salvou Kathy foram John Lennon e Paul McCartney. Entraram na cabine e seguraramJimi até a raiva passar e Kathy se explicar.

● **Who's Jimi?** – Quanto Hendrix foi apresentado ao The Who, por intermédio do empresário Kit Lambert, a única coisa que o baterista Keith Moon, caindo de bêbado, soube dizer, foi: "Quem é que deixou esse selvagem entrar? Ele é Mau-Mau ou Zulu?" Jimi ficou louco, e Lambert teve de obrigar Keith a se desculpar. Mas antes disso, quando o The Who ainda não conhecia Hendrix, Eric Clapton e Pete Townshend foram a boate Speakeasy. Quando iam entrando, Jeff Beck ia saindo e disse para Townshend, só de maldade: "Tem um cara aí dentro quebrando o amplificador com a guitarra. Melhor você entrar lá, e dizer que quem faz isso é você".

Na verdade, Pete ficou possesso por Jimi usar aquelas transas de microfonia e quebrar a aparelhagem. Numa temporada que os dois fizeram, mais tarde, no Saville Theatre de Londres, Jimi entrava antes e roubava o show. Pete cada dia estava mais louco e disse a Chas Chandler para encerrar o contrato. Quase um ano depois, eles voltariam a se encontrar, no Festival de Monterey. Pete então pediu a Jimi pro Who entrar primeiro, a fim de evitar os rolos de sempre. Jimi concordou e Pete pensou: "Quero ver ele me ultrapassar agora". Depois da apresentação, Jimi subiu no palco e queimou a guitarra. Enquanto fazia isso, Keith Moon dava saltos e dizia: "Pete, olha lá o que o Zulu está fazendo. Por que não pensamos nisso antes?"

● **Robin Trower e Hendrix** – Considerado atualmente o sucessor de Hendrix, o guitarrista inglês Robin Trower só encontrou Jimi uma vez. Em 69, estava tocando com o Procol Harum em Berlim e decidiu ver um show de Hendrix. Robin tinha pavor de Hendrix porque achava que ia ficar tão desbundado que não ia querer mais tocar. Viu, ficou mesmo arrasado e quando foi ao camarim só conseguiu murmurar: "Eu só queria dizer que você é a melhor coisa que eu já ouvi!" Hendrix, morto de cansaço, olhou pra Robin e respondeu: "Que nada cara, você está exagerando". Não estava. Tanto assim que Trower ficou tão chapado que parou de tocar sua guitarra uns três meses.

● **Hendrix e Miles Davis** – Quando Miles Davis escutou **Are You Experienced**, ficou completamente louco e pediu a Herbie Hancock que o apresentasse a Hendrix. O guitarrista estava fazendo shows na boate Cheetha, em Nova York. Miles ficou sentado numa mesa de pista e durante todo o show a expressão de seu rosto era de total espanto. Quando o show terminou correu ao camarim de Hendrix tendo Hancock ao seu encalço. Nem esperou que o pianista os apresentasse. Foi logo dizendo: "Quero que você grave comigo. Quero você no meu grupo nem que seja para uma única sessão de gravação." Essa gravação nunca aconteceu, mas Jimi e Miles ficaram loucos um pelo outro.

● **Jimi e John McLaughlin** – O encontro desses dois mestres aconteceu por puro acaso. Hendrix extava gravando **Cry of Love** no mesmo estúdio que McLaughlin gravava **My Goals Beyond**. Jimi ficou impressionado com a técnica racional de McLaughlin, enquanto esse ficava vidrado na "irracionalidade" e instinto de Hendrix. Os dois resolveram tirar um som depois das sessões de gravação. Segundo Buddy Miles, esse som teve a duração de várias madrugadas. Antes de começarem a tocar, os dois conversavam horas e horas sobre o som das várias marcas de guitarra. McLaughlin depois confessou a Buddy Miles que Hendrix sabia tudo sobre guitarras. Sonhava, inclusive, inventar uma totalmente estratosférica.

"Eletrificou o ódio e o pranto de seus antepassados"

● A magia de Hendrix como a de outros novos artistas, transformou o lixo em ouro. A contracultura, de uma maneira geral, procura seguir o seu exemplo. (...) Gostaria de dizer que considero Hendrix uma inspiração importante, mesmo para os músicos brasileiros, graças à correção universal dos dois polos principais de sua arte: a sua fidelidade às raízes negras de sua música e a corajosa ousadia de sua aventura filosófica. Hendrix tem um senso de blues igual ou mesmo superior ao dos grandes clássicos. Na música de sua raça e de seu povo, ele encontrou a energia capaz de ampará-lo nos vôos mais altos de uma busca da verdade que se consumou, afinal, no martírio. (Luis Carlos Maciel, no livro "Nova Consciência", Editora Eldorado, 1973)

● Se pesquisarmos as letras de Hendrix, veremos que está tudo lá, principalmente o som das naves espaciais. Hendrix acreditava que o controle sobre a eletricidade está fora do planeta. E a fonte livre de energia que nossos irmãos do espaço nos oferecem poderia desintegrar a economia do mundo inteiro, baseada na venda de energia, automóveis, gasolina, eletricidade etc... Isto seria a última coisa que quereriam fazer já que seria a desintegração de toda a estrutura do poder. Hendrix passou por mudanças e metamorfoses tão extensas que incluiam o universo inteiro. Seu diagrama astral mostra que Jimi estava numa forte trip mortal. Na verdade ele morreu quando seis de seus planetas estavam na casa da morte. Ele tinha Leo na casa da morte. Isso é fatal. (Chuck Wein, cineasta, diretor de "Rainbow Bridge", Rolling Stone Brasileira, nº 35, 29/12/72).

● Mas Hendrix no palco e Hendrix no estúdio são dois animais com estruturas celulares inteiramente divergentes. Seus últimos concertos incluiam muita improvisação instrumental, além de demonstrações de seu total domínio da guitarra e de todos os cúmplices eletrônicos desta – pedais, amplificadores, reverberação, fuzz etc... Ele conseguia recriar no palco a maioria dos efeitos de estúdio. (Tony Glover, Rolling Stone, janeiro de 72)

● Hendrix veio trazer a música de preparação para o fim desse século e o fim desse mundo careta. Quando vier o Apocalípse e os anjos aparecerem, em grandes clarões no céu, tocando suas trombetas, nessa hora, tenho certeza de que Jimi estará à frente deles, puxando o cordão. (Neville D'Almeida, cineasta)

● O que eu acho de Hendrix? Escuta aqui, ô xará, nunca mais vai existir um crioulo como ele. Se eu tenho os seus discos? Lógico que sim, tenho quase todos. No nosso barraco o dia só começa com um disco dele rodando. (José Roberto (Negão), 16 anos, Morro da Mangueira)

● Quando soube que Hendrix havia morrido eu fiquei furioso. Me tranquei no quarto e comecei a chorar. De raiva, de ódio, sei lá. Eu estava furioso dele ter ido sem me levar com ele. (Eric Clapton, Rolling Stone, maio de 74)

● Vai ser muito difícil aparecer outro guitarrista como Hendrix. O som que ele fazia tinha ligação direta com o sangue que corria em suas veias: negro e índio. Veja bem, são duas raças que estão recebendo porrada desde que o mundo é mundo. Ele simplesmente eletrificou o ódio e o pranto de seus antepassados. (Oswaldo, líder/baixista/compositor do Made In Brazil"

● É muito difícil, é mesmo impossível, imaginar Jimi Hendrix sem sua guitarra. Ela é sua própria extensão, ou talvez, vice-versa. Hendrix fazia um som opressivo e selvagem – ele o chamava de "meu rock-blues", "meu som funky e freak", "música da terra versus espaço" – completamente livre, fluente e teatral. Multiplicava associações musicais com processos fisiológicos, com sexualidade escandalosa, e pela natureza de sua própria teatralidade, com o ritual. Ele queima sua guitarra e você saca o que ele realmente está querendo dizer. (Michael Ross, no livro "Rock Beyond Woodstock". Editora Petersen Publishing Company, 1970)

● O instante máximo da carreira de Jimi Hendrix não está nos dois ótimos LPs que levam seu nome, "Are You Experienced" e "Band of Gipsies". É no álbum **Woodstock**, no último LP, que ele consegue atingir o clímax. A pretesto de improvisar sobre o Hino Nacional Norte-Americano, ele celebra, também, um massacrante retrato político da América. (Ezequiel Neves, Jornal da Tarde, 23/12/1970)

● Eu percebi que poderia ser um solista quando escutei meu trabalho em "Song for a Dreamer", uma canção que eu mesmo chamei de uma etérea peça de amor. O objeto desse amor era Jimi Hendrix e a canção estava no LP **Broken Barricades.** Foi meu último disco com o Procol Harum. Hendrix serviu pra me chamar atenção que eu tinha de saltar pra fazer minha própria música. (Robin Trower, guitarrista. Rolling Stone, 24/4/75)

● Há um consenso geral entre os músicos de jazz que ouviram Jimi Hendrix que, se o guitarrista tivesse seguido um aproach estrito de jazz, seria um dos maiores gigantes que já conhecemos. (Miles Davis, revista "Down Beat")

● Hendrix, ao invés do estudo musical, preferiu mostrar a prática que a Natureza lhe deu. Foi o primeiro músico a atear fogo em seu instrumento durante o espetáculo, dançando como num ritual de vodu. Jimi tocava guitarra com os dentes, nas costas, no chão, em qualquer lugar. Ele conhecia mais do que ninguém o que era uma guitarra e o que podia ser feito com ela. (Carlos Gouveia, Folha de São Paulo, 18/11/74)

● São zumbidos ferozes de muitas metralhas, ou de uma manada de aviões. Mas, às vezes também, a sonoridade suave de um simples violão amplificado. Este volúvel concerto ocupa as quatro faixas do álbum duplo Jimi Hendrix (Reprise/Continental) entrecortado por quinze minutos e 33 segundos de penosas e turbulentas entrevistas. Todas conversam sobre o mesmo assunto: a feminista Germaine Greer, o super-ídolo Mick Jagger, o baterista Buddy Miles, o pioneiro do rock Little Richard, o bissexual rockstar Lou Reed, ou o Major Charles Washington, tentam reconstituir fragmentos da vida e obra de James Marshall Hendrix, responsável pela canonização da guitarra elétrica. (Tárik de Souza, Jornal do Brasil, 28/1/74)

ROCK EM LETRAS

FIRE

All right, I dig it baby

You don't care for me, I don't care about that
You gotta know full I like it, I like that
I have only one burnin' desire
Let me stand next to your fire

Listen here, baby, standing like that I'll go crazy
You say your mommy ain't home, and it ain't matter
Just to play with me you'll want to burn
I have only one burnin' desire
Let me stand next to your fire

Just move over,
and let Jimi take over
you know what I'm talking about

You're trying to give me your money,
but you better save it, baby, save it for your rainy day
I have only one burning desire,
Let me stand next to your fire

You better move over, baby,
I ain't gonna hurt you, baby

(FOGO) *

Está certo, eu curto, baby

Você não liga pra mim, mas eu também não me importo
Você sabe muito bem que eu gosto, eu gosto disso
Eu só tenho um desejo ardente:
deixa eu ficar perto do teu fogo

Escuta, baby, ficando aqui eu vou enlouquecer
Você diz que sua mãe não está em casa, então não se grite,
Só de brincar comigo você vai querer arder
Eu só tenho um desejo ardente:
deixa eu ficar perto do teu fogo

Apenas se ajeite,
e deixe Jimi te conquistar.
Você sabe do que eu estou falando

Você está tentando me dar o teu dinheiro,
mas é melhor você poupar, baby,
para quando você estiver numa ruim.
Eu só tenho um desejo ardente:
Deixa eu ficar perto do teu fogo

É melhor você se ajeitar, baby,
eu não vou te machucar

HAVE YOU EVER BEEN (TO ELETRIC LADYLAND)

Have you ever been, have you ever been to electric ladyland?
The magic carpet waits
For you/ so don't you be late
I want to show you different emotions
I want to ride you through the sounds and motions
Electric woman waits for you and me
so it is time to take a ride
You cant cast all your hangs ups / over the sides
While we fly right over the loved filled sea
Look, up a head I see the love land
Soon you will understand

make love, make love, make love, make love
I want to show you (Angels will spread their wings)
I want to show you

Good and evil lay side by side
While Electric love pennetrates the sky
I want to show you

VOCÊ JÁ ESTEVE (NA TERRA DAS MULHERES ELÉTRICAS?)*

Você já esteve, você já esteve na terra das mulheres elétricas?
O tapete mágico está esperando por você,
então, não se atrase.
Eu quero lhe mostrar emoções diferentes,
e fazer você voar através de sons e movimentos.
Uma mulher elétrica espera por você e por mim
então, se chegar a hora de partir nessa viagem,
você pode ir deixando seus problemas pelo caminho
enquanto sobrevoamos um mar repleto de amor.
Olhe adiante, eu já vejo a terra do amor
Em breve você vai entender.

Faça amor, faça amor, faça amor, faça amor,
Eu quero mostrar a você (os anjos abrindo suas asas)
Eu quero mostrar a você
O Bem e o Mal, lado a lado
Enquanto o amor elétrico penetra o céu,
eu quero mostrar, a você.

continua na página 22

continuação da página 21

ROCK EM LETRAS

CROSSTOWN TRAFFIC

You jump in front of my car when you know all the time
Ninety miles an hour girl, is the speed I drive
You tell me its all right you don't mind a little pain/ you say you just want me
to take you for a ride (You just like)

Crosstown Traffic (so hard to get through to you
Crosstown Traffic (I don't need to run over you)
Crosstown Traffic (all you do is slow me down)
And I'm trying to get on the other side of town

I'm not the only soul who's accused of hit and run
Tire tracks all across your back
Aha I can see you had your fun
but darling can't you see my si-signals turn from green to red
and with you I can see a traffic jam straight up ahead.

You're just like crosstown traffic (so hard get through to you)
crosstown traffic (I don't need to run over you)
crosstown traffic (All you do is slow me down)
And I got better things on the other side of town

(TRÂNSITO DA CIDADE) *

Você pulou na frente do meu carro sabendo muito bem
que eu só dirijo a noventa milhas por hora
Você me disse que está legal, que você não se importa de sentir uma dorzinha,
porque você só quer dar uma volta comigo (você é igualzinha ao)

Trânsito da cidade (é tão difícil atravessar você)
Trânsito da cidade (eu não preciso te atropelar)
Trânsito da cidade (você só consegue diminuir minha velocidade)
E eu estou tentando chegar do outro lado da cidade
Eu não sou o único acusado de atropelar e fugir
Pelas marcas de pneu nas tuas costas eu vejo que você andou se divertindo
Mas meu bem, será que você não viu meu sinal fechar?
Com você eu só vou arranjar um engarrafamento.
Você é igualzinha ao trânsito da cidade

(é tão difícil atravessar você)
Trânsito da cidade (eu não preciso te atropelar)
Trânsito da cidade (você só consegue diminuir minha velocidade)
E eu tenho mais o que fazer do outro lado da cidade

PURPLE HAZE

Purple haze/ into my brain
Really amaze/ I don't see the same
got get funny/ but I don't know why
scuse me (please) I wanna kiss the sky

Purple haze/ all around
I don't know/ if I come all
Am in happy/ for this misery
Forever is a girl/ put a spell on me

(help me – help me)

Purple haze/ all in my eyes
I don't know it/ all at day or night
You gotta me floatin'/ on my whizz
Tomorrow/ or just in the time

(Girl help me-help me-Tell me tell me)

(NEBLINA PÚRPURA) *

A neblina púrpura entrou no meu cérebro
E me desbundou: eu vejo tudo diferente
Estou muito estranho, não sei porque
Desculpe-me, por favor, mas eu quero beijar o céu.

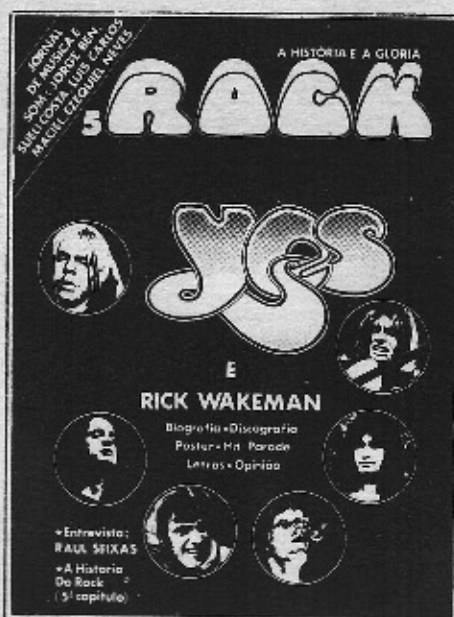
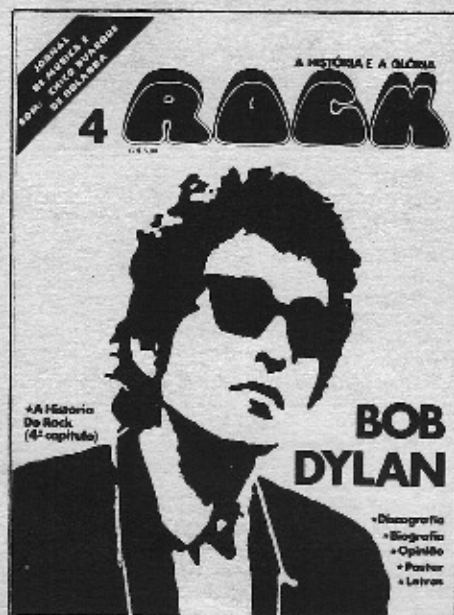
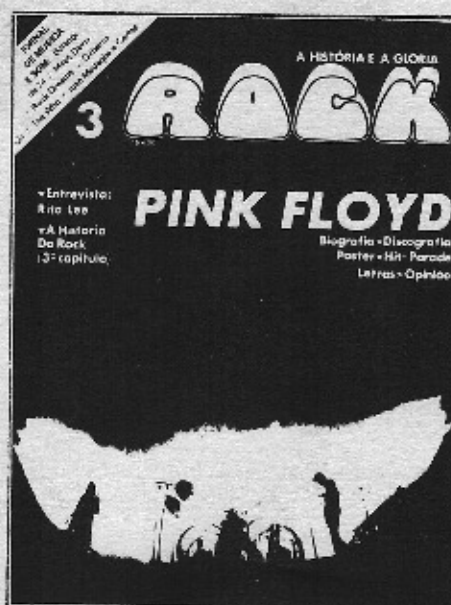
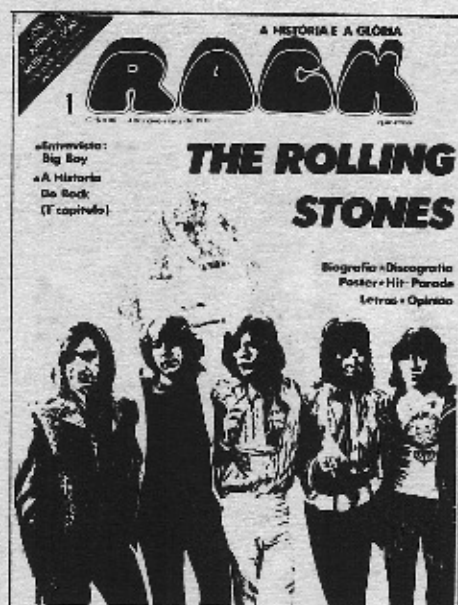
A neblina púrpura está em toda parte
e eu não estou me entendendo
Será que eu estou contente com tanta desgraça?
Ou alguma garota me enfeitiçou para sempre?

(ajude-me, ajude-me)

A neblina púrpura cobre meus olhos
E eu já nem sei se é de dia ou de noite
Você me fez sair flutuando e zunindo
Para o futuro ou para dentro do tempo
(garota, ajude-me, ajude-me, diga-me, ajude-me)

* *Tradução livre de ANA MARIA BAHIANA*

A HISTÓRIA E A GLÓRIA DO ROCK

estamos contando

COMPLETE A COLEÇÃO

COMPRE PROS AMIGOS

QUERO RECEBER

☐ Rock 1 4,00 ☐ Rock 2 4,00 ☐ Rock 3 4,00 ☐ Rock 4 5,00

☐ Rock 5 5,00 ☐ 20,00 pelo quinteto

Nome: . . . .

End: . . . .

Cidade: . . . . *Estado:* . . . .

mande vale postal
no valor em nome de
Carlos Alves Machado
Av. Presidente Vargas, 590 sala 2105
Rio de Janeiro